



GRUPO K



Conheça Ironbound, o bairro perto de Nova York que preserva tradições portuguesas

Puxadinho luso na América

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — Muito antes de Cristiano Ronaldo, Vinícius, João Neves, Rafael Leão e companhia desembarcarem na América do Norte em busca do primeiro título da Copa do Mundo, portugueses cruzaram o Atlântico com destino ao continente. Uma das teorias atribui a João Vaz Corte-Real a façanha de ser o primeiro europeu a chegar à Terra Nova, onde hoje é o Canadá, em 1473, quase duas décadas antes de Cristóvão Colombo se tornar o personagem central dos livros de história. Mais de cinco séculos depois, Portugal volta ao continente desbravado anteriormente. Não para abrir novas rotas marítimas, mas para encontrar outro tesouro: a Copa do Mundo. A caminhada começa hoje, às 14h, em Houston, contra a República Democrática do Congo, sob o olhar de milhares de lusitanos espalhados pelos Estados Unidos, especialmente em Newark.

A conexão entre Portugal e os Estados Unidos vai muito além da Copa do Mundo. Vizinha a Nova York, a cidade de Newark abriga uma das maiores comunidades portuguesas do país. O bairro de Ironbound transformou-se em

uma espécie de extensão lusitana do outro lado do Atlântico, com restaurantes, padarias, clubes e bandeiras espalhadas pelas ruas. Em dias de jogo da seleção, o vermelho e o verde dominam a paisagem. Por algumas horas, a distância entre Newark e Lisboa parece desaparecer. A estreia dessa terça-feira, em Houston, será acompanhada a mais de 2.500 quilômetros de distância, como se acontecesse logo ali, na esquina.

Os números ajudam a explicar a força dessa presença. Segundo estimativas demográficas dos Estados Unidos, a região metropolitana de Nova York e Newark reúne mais de 140 mil pessoas de ascendência portuguesa, a segunda maior concentração do país, atrás apenas da área de Boston. Não por acaso, bairros como Ironbound preservam tradições, gastronomia e até a paixão pelo futebol trazida por gerações de imigrantes.

Para entender o tamanho dessa herança, o **Correio** percorreu as ruas de Ironbound. A sensação era de estar mais perto de Lisboa do que de Manhattan. Bandeiras portuguesas decoravam fachadas, músicas típicas ecoavam pelas calçadas e famílias ocupavam os arredores da Ferry Street durante o Portugal Day. Realizada desde 1979,

a celebração exalta a identidade nacional portuguesa, homenageia Luís Vaz de Camões — morto em 10 de junho de 1580 e considerado um dos maiores símbolos culturais do país — e reúne tradições de outras nações lusófonas, como Brasil e Cabo Verde, estreante nesta Copa do Mundo. Houve apresentações, corridas e desfile de carros alegóricos e grupos folclóricos. Parecia um ensaio para torcer por Cristiano Ronaldo e companhia.

Morador de Newark há 52 anos, Manny Lopes transformou a paixão pelo trabalho em legado familiar. Proprietário da Lopes & Sons Hardware, tradicional loja de ferramentas e materiais domésticos no coração de Ironbound, ele acompanhou de perto a transformação do bairro. “Quando cheguei, em 1973, aos 16 anos, a comunidade portuguesa já era forte, mas bem menor. Depois do fim da ditadura em Portugal, a imigração cresceu muito. Antes, vinham principalmente os homens. As esposas e os filhos ficavam no país. Com o passar do tempo, as famílias começaram a chegar e a comunidade se expandiu”, recorda.

Mas Ironbound não vive apenas de Portugal. Brasileiros, cabo-verdianos, mexicanos e, mais recentemente, equatorianos ajudaram a moldar a identidade multicultural

do bairro. “Há muitos empresários, donos de restaurantes, lojas de roupas e empresas de construção. A comunidade continua forte, mas nós, portugueses, estamos diminuindo”, observa, em referência ao envelhecimento da população lusitana.

A trajetória de Lopes ajuda a explicar o fenômeno da permanência portuguesa em Newark. “Conheci minha esposa aqui, casei aqui, tive dois filhos e dois netos nascidos aqui. O sonho do imigrante sempre é voltar para casa, mas a vida acontece. Você cria raízes, como uma árvore, e fica. Foi o que aconteceu comigo”, resume.

Torcedor do Sporting, Lopes lamentou a temporada sem títulos do clube e viu os rivais comemorarem em Portugal. A esperança agora veste as cores da seleção. “Estamos muito otimistas. Temos bons jogadores e um grupo forte. No futebol, às vezes, também é preciso um pouco de sorte. Nem sempre vence o melhor”, pondera. Para ele, a conquista da Copa do Mundo seria o capítulo que falta na história de Cristiano Ronaldo — e na do próprio país. E qual seria a final perfeita? Lopes não hesita: “Brasil e Portugal”.

A poucos quarteirões dali, Alexandra Fonseca ajuda a preservar a presença portuguesa de outra

forma. Proprietária da Portugalia Sales, ela convive diariamente com bandeiras, camisas da seleção, azulejos, artigos religiosos e lembranças que atravessaram o Atlântico para abastecer a comunidade local. A loja tornou-se ponto de encontro para portugueses, descendentes e curiosos interessados em manter contato com as tradições do país.

O negócio vai além do varejo. A empresa também trabalha com o transporte de mudanças e containers entre continentes, reforçando uma ponte construída há gerações entre Newark e Portugal. Em um bairro moldado por sucessivas ondas migratórias vindas da Europa ao longo do século 20, estabelecimentos como o de Alexandra ajudam a preservar costumes, memórias e o sentimento de pertencimento de quem encontrou nos Estados Unidos uma segunda casa.

A herança lusitana ganhou instituições próprias ao longo do último século. A principal delas é o Sport Club Português (SCP), localizado na 55 Prospect Street. Fundado em 1921, o espaço tornou-se um dos pilares da comunidade portuguesa nos Estados Unidos. É, ao mesmo tempo, centro cultural, escola de língua portuguesa, museu e ponto de encontro para diferentes gerações de descendentes.

